



Antónia Fialho Conde, Olga Magalhães e António Camões Gouveia (dir.)

## O Claustro e o Século Espaços, Fronteiras e Identidades

Publicações do Cidehus

---

# Adaptabilidade e Identidade: o mosteiro de São Bento de Cástris no período 1957 - 2005

Patrícia Salomé Faustino, Sofia Aleixo e Antónia Fialho Conde

---

DOI: 10.4000/books.cidehus.10282  
Editora: Publicações do Cidehus  
Lugar de edição: Évora  
Ano de edição: 2020  
Online desde: 12 março 2020  
coleção: Biblioteca - Estudos & Colóquios  
ISBN eletrónico: 9791036557927



<http://books.openedition.org>

### Refêrencia eletrónica

FAUSTINO, Patrícia Salomé ; ALEIXO, Sofia ; et CONDE, Antónia Fialho. *Adaptabilidade e Identidade: o mosteiro de São Bento de Cástris no período 1957 - 2005* In : *O Claustro e o Século : Espaços, Fronteiras e Identidades* [en ligne]. Évora : Publicações do Cidehus, 2020 (généré le 17 mars 2020). Disponible sur Internet : <<http://books.openedition.org/cidehus/10282>>. ISBN : 9791036557927. DOI : <https://doi.org/10.4000/books.cidehus.10282>.

---

## **Adaptabilidade e Identidade: o mosteiro de São Bento de Cástris no período 1957 - 2005**

**Patrícia Salomé Faustino\*, Sofia Aleixo\*\*, Antónia Fialho Conde\*\*\***

### **Resumo**

Os mosteiros são entidades arquitetónicas que refletem na sua materialidade as adaptações a novos usos muitas vezes indispensáveis para a manutenção física destes lugares. Este é o caso do mosteiro de São Bento de Cástris, conjunto cisterciense do século XIII e classificado como Monumento Nacional (1922), na cidade de Évora. Após a extinção das Ordens Religiosas em 1834 e, principalmente, após a morte da última monja em 1890, o abandono e a falta de intervenções de conservação levaram a que o mosteiro se encontrasse em avançado estado de ruína na década de 1930. A tipologia arquitetónica do mosteiro, por conter espaço residenciais, reunia em si as condições para receber um novo uso com funções semelhantes, pelo que de 1957 a 2005 a instituição de acolhimento Casa Pia, mudou-se do centro da cidade de Évora para o mosteiro. As alterações espaciais implementadas pela Casa Pia transformaram e adaptaram o lugar, tendo impacto nos valores patrimoniais do mosteiro. No entanto, este período recente carece de estudo que dê a conhecer os valores atribuídos ao lugar pelos seus últimos utilizadores. Procura-se com este artigo contribuir para a salvaguarda deste conjunto monástico através do registo da memória dos seus últimos utilizadores efetivos por forma a contribuir para um melhor entendimento dos valores socioculturais do património arquitetónico dinâmico do Mosteiro de São Bento de Cástris.

**Palavras-chave:** arquitetura cisterciense, identidade, lugar, Mosteiro de São Bento de Cástris, património cultural, memória

### **Abstract**

The monasteries are architectural typologies that reveal in their materiality the adaptations to new uses, which enabled a continuous use, and thus were often key to their physical preservation. This is the case for the Monastery of São Bento de Cástris, a Cistercian structure located in Évora, dated from the 13th century, and listed as a National Monument in 1922. With the extinction of the religious Orders in 1834, and particularly after the death of its last nun in 1890, the building was closed and therefore, by the 1930's, the abandoned monastery has partially reached the state of ruin.

---

\* UNL-FCSH/CHAM-SLHI, Lisboa, Portugal, [patriciafaustino@fcsh.unl.pt](mailto:patriciafaustino@fcsh.unl.pt)

\*\* UÉ-DARq/CHAIA/IHC-CEHFCi, Évora; UNL-FCSH/CHAM/SLHI, Lisboa, Portugal, [saleixo@uevora.pt](mailto:saleixo@uevora.pt)

\*\*\* UÉ/CIDEHUS/CEHR/HERCULES, Évora, Portugal, [mconde@uevora.pt](mailto:mconde@uevora.pt)

The architectural typology of the monastery, as a place with accommodation rooms, was suited to receive a new use with similar functions, and thus from 1957 to 2005 *Casa Pia*, a Portuguese educational institution that provides boarding for needed children, moved from the city centre to the monastery. The modifications determined by this new use changed the historic place and therefore its values. However, the values ascribed to this place by these people, once children, have not yet been revealed. The purpose of this paper is to collect the memories from the last users in order to contribute to a better understanding of the sociocultural values of a dynamic architectural heritage as the Monastery of São Bento de Cástris.

**Keywords:** cistercian architecture, identity, place, Monastery of São Bento de Cástris, material cultural heritage, memory

### **Introdução**

O mosteiro de São Bento de Cástris é parte integrante da identidade da cidade de Évora desde o século XIII (Conde, 1995), tendo sido classificado como Monumento Nacional em 1922 (Figura 1). Este mosteiro feminino constituiu primeira fundação cisterciense a sul do Tejo, e a segunda comunidade religiosa na cidade de Évora (Conde, 2009). Nos anos subsequentes à extinção das Ordens Religiosas em Portugal, e ao falecimento da última monja em 1890, este mosteiro acolheu usos distintos que levaram à sua adaptação e transformação, embora tenha sido parcialmente alterado, o que terá contribuído para que o edifício chegasse aos dias de hoje em condições razoáveis de conservação (Martins, 2011).

**Figura 1 - Mosteiro de São Bento de Cástris, vista da entrada principal a partir do cruzeiro**



Durante o período em que o mosteiro foi arrendado à 8ª Região Agronómica de Évora (1900-1930), foram feitas alterações substanciais ao edificado, das quais se destacam a abertura de vãos no alçado nascente, necessárias para o acesso das alfaías agrícolas (Figura 2). Verificou-se ainda que a parte do edifício que não se encontrava arrendada se deteriorou com maior rapidez (Caeiro, 2008). Assim, e tendo em conta os danos ao nível das coberturas, pavimentos e a completa ruína da ala poente, como observado no final dos anos 30, pode constatar-se que nem todo o uso será sinónimo de continuidade (Tomé, 2003). Entre 1930 e 1957, o mosteiro observou um período em que se encontrou desabitado e sem uso, o que terá contribuído para a degradação física deste conjunto. A utilização dos espaços edificados, quando adequada, permite a sua continuidade (Cabral, 2011; Martins, 2011; Lopes & Correia, 2014).

**Figura 2 - Alçado nascente: abertura dos vãos para permitir a entrada das alfaías agrícolas (1949)**



Fonte: SIPA - FOTO.00158738

No entanto, a utilização do antigo mosteiro pela Casa Pia a partir de 1957, deu origem a intervenções a cargo da extinta Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais

(DGEMN) na qual se identificaram a estrutura original e a sua evolução. As intervenções de conservação e adaptação compreenderam: a reconstrução das coberturas e das estruturas em madeira que se encontravam parcialmente destruídas<sup>1</sup>; algumas demolições de zonas mais degradadas para a criação dos novos espaços; a construção e adaptação de espaços para serem utilizados como salas de aula no segundo piso, bem como a construção de infraestruturas de canalização, esgotos e abastecimento de águas (Martins, 2011).

A dissertação de mestrado intitulada «O Mosteiro de São Bento de Cástris: Memória e Identidade», realizada no contexto do Mestrado Integrado em Arquitetura da Universidade de Évora (Faustino, 2016) explora precisamente o período entre 1957 a 2005, durante o uso do mosteiro de São Bento de Cástris como instituição de acolhimento Casa Pia. O registo das memórias recentes, associadas ao último período de utilização contínua foi considerado um dado fundamental para compreender a evolução dos valores do lugar e, desta forma, da identidade material e imaterial do mosteiro, enquanto estrutura arquitetónica.

### **Enquadramento conceptual**

Esta investigação considerou as Cartas, Declarações e Convenções de Salvaguarda do Património, emitidas pela UNESCO, ICOMOS e Conselho da Europa, na definição do enquadramento conceptual que está na base desta investigação. Nesta abordagem importa compreender o que é o património cultural (material e imaterial) e como se relaciona com os conceitos de identidade e autenticidade. Destaca-se a Convenção-Quadro de Faro (CoE, 2005), que estabelece os parâmetros que constituem o património cultural e argumenta sobre a importância do papel das pessoas na salvaguarda dos bens patrimoniais. Do património cultural fazem parte, entre outros valores, os monumentos, as obras de arte (património móvel), património integrado (como a talha ou os azulejos), os testemunhos significativos da cultura humana, incluindo naturalmente o património imaterial e, como se lê no artigo 2.º, alínea a da Convenção-Quadro de Faro (2005):

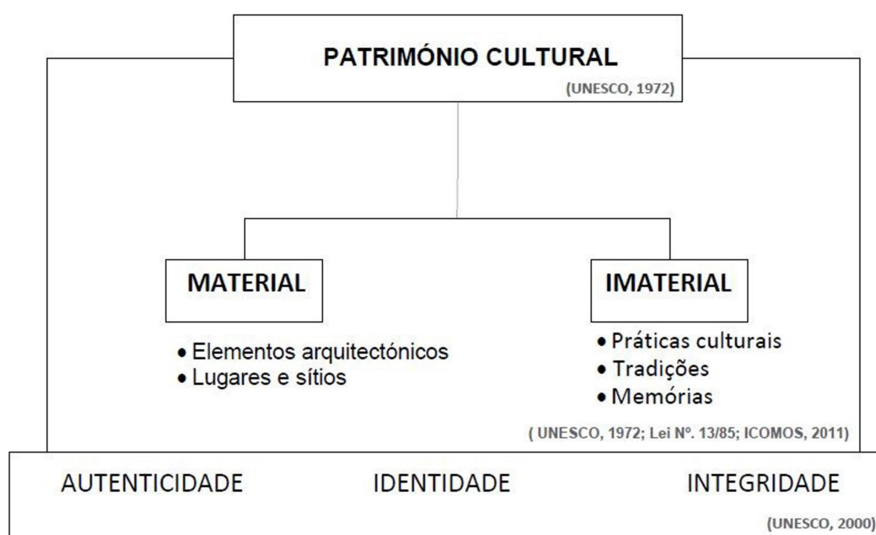
O património cultural constitui um conjunto de recursos herdados do passado que as pessoas identificam, independentemente do regime de propriedade dos bens, como um reflexo e expressão dos seus valores, crenças, saberes e tradições em permanente evolução. Inclui todos os aspetos do meio ambiente resultantes da interação entre as pessoas e os lugares através do tempo.

---

1 Convento de São Bento de Cástris - Doc – 005/092-4970/02.

O conceito de *património cultural*, tem patente uma ideia de tempo passado, sendo essa uma das condicionantes que confere valor patrimonial, seja este património material ou imaterial (Cabral, 2011).

**Figura 3 - Património Cultural – Diagrama conceptual**



Faustino, 2016

O estudo do *património cultural* – ou seja, «todos os aspetos do meio ambiente resultantes da interação entre as pessoas e os lugares através do tempo» (art. 2º a - CoE, 2005) –, do qual fazem parte valores materiais e imateriais (ICOMOS, 2011), será fundamental para compreender os lugares, a sua integridade, autenticidade e identidade (UNESCO, 2000) (Figura 3). O património imaterial, à semelhança do património material, permite às comunidades um sentimento de identidade e de continuidade, que contribui para a preservação cultural do património (Cabral, 2011). A participação da comunidade na preservação e salvaguarda do património cultural é fundamental, com o objetivo de proteger a identidade dos lugares sem, contudo, impedir o seu desenvolvimento (ICOMOS, 2011; Lopes & Correia, 2014, p. 493).

As diretrizes presentes nos documentos doutrinários referidos para a salvaguarda do património refletem a evolução dos conceitos e a necessidade de adaptação ao pensamento contemporâneo, bem como às novas perspetivas do papel do património na nossa sociedade (Lopes & Correia, 2014; Choay, 2011). No entanto, o património não deve ser considerado como um objeto isolado, porque dele faz parte o lugar em que se insere. Para a correta definição de critérios de salvaguarda, deve ter-se em conta um conjunto das diretrizes e sobretudo atender à contemporaneidade e avaliar de forma

crítica as propostas de conservação ou restauro. Quando for possível atribuir um novo uso ao património, não alterando a sua autenticidade e identidade, deverá o lugar ser adaptado a esse uso, de uma forma atual, servindo os propósitos da sua nova função. A nova função deve ser pensada de acordo com o lugar e com a sua identidade, por forma a garantir a continuidade, preservando o património material e imaterial.

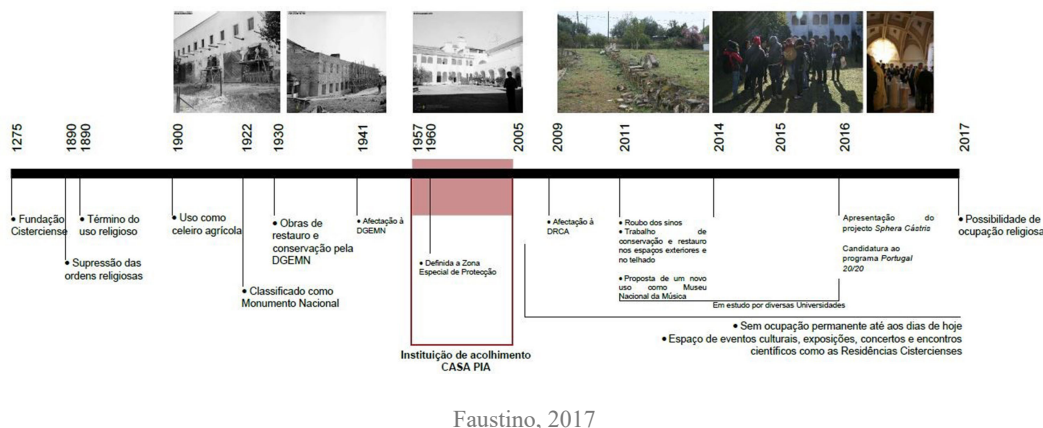
### **Novos usos**

*Memória e identidade* são conceitos indissociáveis do património arquitetónico, sensíveis ao passar do tempo e diretamente relacionados com os seus valores culturais materiais e imateriais (Choay, 2010). No caso do mosteiro de São Bento de Cástris, o património material está bem registado e estudado (Conde, 1995, 2009; Martins, 2011), contribuindo para a sua continuidade e salvaguarda. De acordo com Conde (1995; 2009) e Martins (2011), a identidade arquitetónica deste lugar reside nas suas características materiais e espaciais que subsistem do período original da construção cisterciense até aos dias de hoje.

O mosteiro de São Bento de Cástris, durante o período cisterciense, organizava-se em três momentos distintos de clausura, sendo eles a sua área exterior (cercas maior e menor das monjas), o espaço do mosteiro e a igreja. O mosteiro era composto por: igreja, refeitório, claustro, sala do capítulo, dormitórios, zonas de contacto com o exterior (mirante, porta, roda e grade). A cada um dos espaços enunciados corresponde uma função (comer, dormir, cuidar, etc.), que caracteriza o uso do espaço durante o período religioso (1275-1890). Das características arquitetónicas materiais e espaciais originais que fazem parte da sua identidade atual destacamos: as cercas, o claustro, a Igreja, a sala nova do capítulo e o refeitório, sobretudo na ala este, norte e sul do mosteiro, bem como o seu património integrado (como azulejos, talha e frescos).

Mas se a materialidade é identificável pela presença *in situ*, as memórias e utilizações dos espaços requerem outras formas de registo que as descrevam. O registo da memória recente, através de entrevistas aos últimos utilizadores do mosteiro de São Bento de Cástris e da elaboração de peças gráficas onde a mesma se identifique, possibilitará uma melhor compreensão do lugar e da sua identidade. Com base no mapeamento dos resultados será possível entender os usos e funções que se mantiveram ou se alteraram durante o seu uso enquanto Casa Pia, tendo como base de comparação o uso original enquanto mosteiro cisterciense, com recurso a investigações já efetuadas (Conde, 1995; 2009).

**Figura 4 - Cronologia dos usos e intervenções no mosteiro, desde a sua construção até ao ano de 2017**

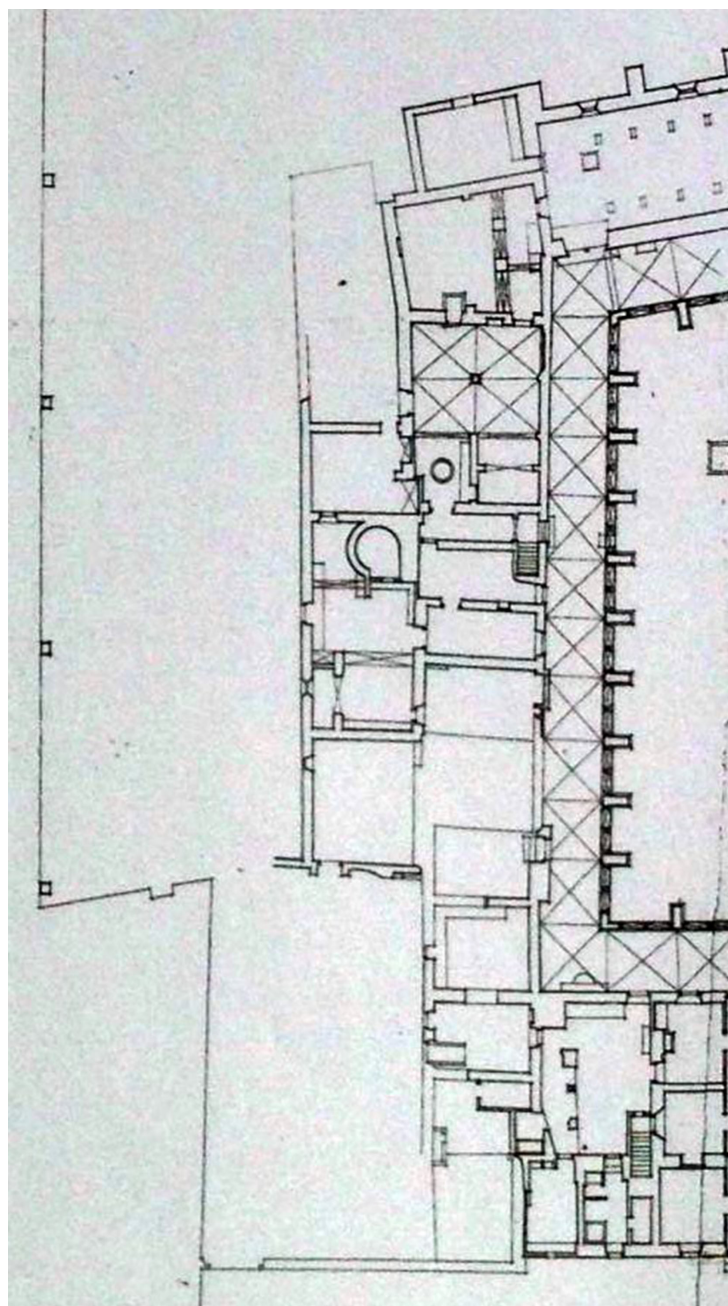


De acordo com a cronologia do lugar (Figura 4), após a extinção das ordens religiosas em 1834, o mosteiro termina o seu uso como casa religiosa em 1890, por altura da morte da última monja. Entre 1900 e 1930 o edifício fica afeto à experimentação agrícola, período em que o conjunto arquitetónico sofre danos materiais e alterações na sua estrutura, sem qualquer ação de conservação (Conde, 1995; Caeiro, 2008). Na década de 30 do século XX iniciam-se as obras para recuperação do edifício com intervenções por parte Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais e em 1940 o edifício é entregue ao Governo Civil com a intenção de aí instalar um Asilo Agrícola Distrital. Em 1941 o edifício fica afeto à Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (Conde, 1995; Caeiro, 2008; Martins, 2011). Durante estes períodos realizaram-se diversos estudos para proceder a essa adaptação, tendo sido contemplada a possível adaptação a escola agrícola da Casa Pia, no ano de 1947 (Caeiro, 2008). Os projetos de alteração e conservação foram sendo desenvolvidos pelo arquiteto José da Cruz de Lima até ao início das obras, realizadas entre 1947 e 1949, e em 1950 determina-se que ali será instalada a Secção Masculina da Casa Pia de Évora. Ainda nesse ano é elaborado o estudo de adaptação do antigo mosteiro a instituição de acolhimento, pelo arquiteto Rui do Couto, que responde a um programa específico, elaborado pelo Provedor da Casa Pia de Lisboa<sup>2</sup>. Apesar das alterações necessárias para o novo uso, ao nível da estrutura espacial interna procurou conservar os espaços característicos do mosteiro, atribuindo-lhes usos similares no novo programa funcional da Casa Pia (construindo ou alterando pontualmente). O projeto respondeu a um extenso e faseado programa. A zona mais

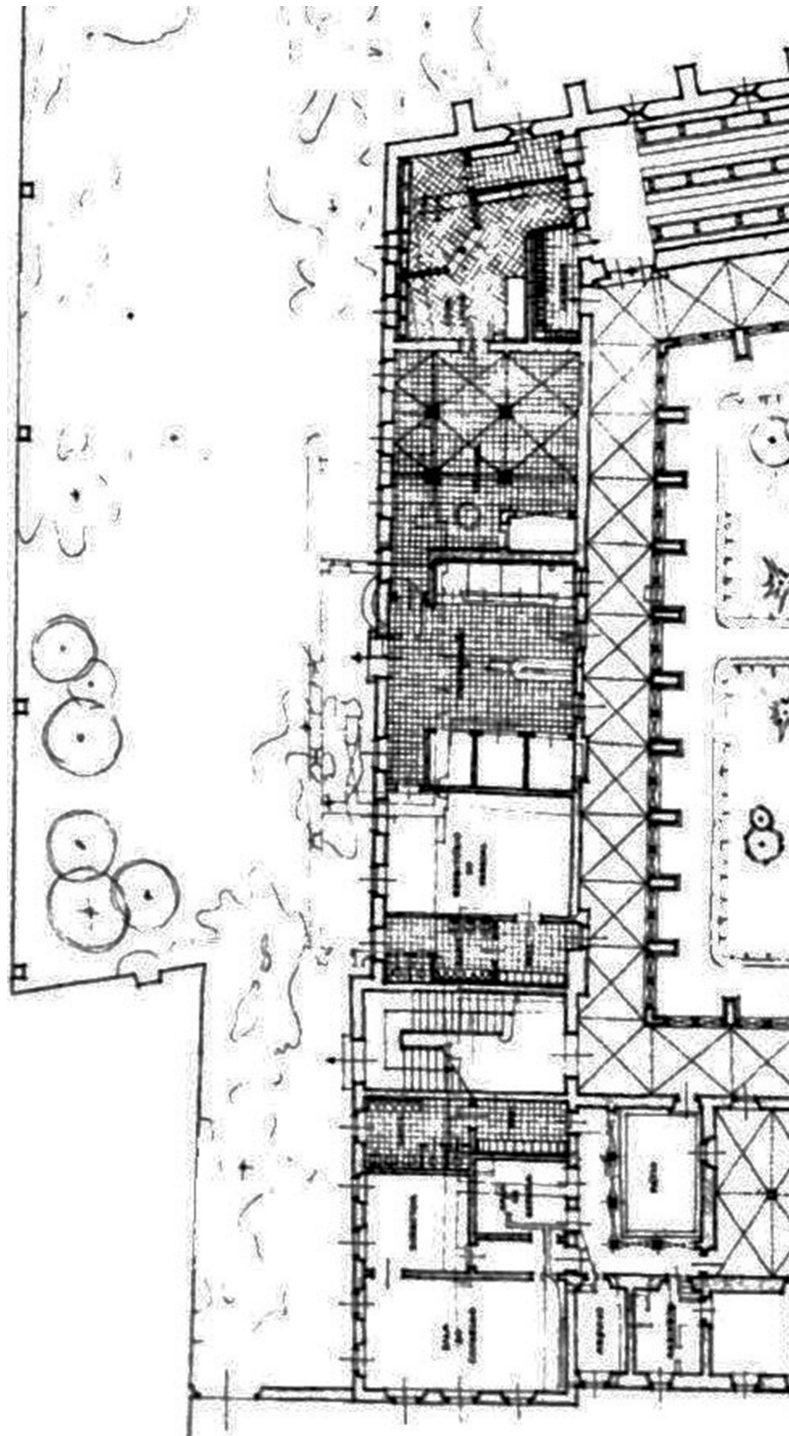


intervencionada foi a ala poente, que se encontrava em pior estado de conservação e na qual não restavam vestígios de épocas anteriores (Conde, 1995; Martins, 2011). No ano de 1957 a secção masculina da Casa Pia muda-se em definitivo para o mosteiro, deixando as instalações do Colégio do Espírito Santo (Gameiro, 2000), localizadas no centro da cidade de Évora.

**Figuras 5 - Planta da ala este do mosteiro: pormenor de uma planta da época cisterciense, do que se julga ter sido a cozinha original (s/d, SIPA DES.00053714)**



**Figuras 6 - Planta da ala este do mosteiro: pormenor da proposta para refeitório e cozinha da época da Casa Pia (s/d, SIPA DES.00053709)**



Na ala este seriam instaladas as cozinhas do mosteiro e mais tarde as cozinhas e refeitório da Casa Pia (Figura 5). Desta zona apenas se encontravam vestígios da estrutura primitiva à data das obras de adaptação e conservação. O novo programa procurou adaptar-se à estrutura pré-existente, respeitando os limites do espaço (Figura 5).

Na planta da época da Casa Pia (Figura 6) é possível observar a sobreposição da nova proposta sobre a pré-existência. Apesar de existir uma diferença clara entre a espacialidade do mosteiro e a nova proposta, também por se ter construído um novo refeitório, o espaço da cozinha manteve a sua localização.

**Figura 7 - Novo refeitório**



Faustino, 2015

Esta última utilização do mosteiro, como Casa Pia, perdurou entre 1957 e 2005/2006, tendo deixado o mosteiro de ter uma ocupação permanente até aos dias de hoje. Desde 2009 sob tutela da Direção Regional da Cultura do Alentejo (DRCA), tem sido utilizado para eventos culturais, como por exemplo concertos, exposições e, desde 2013, acolhe o ciclo de conferências *Residência Cisterciense*.

Entre 2010 e 2011 esteve em estudo a possibilidade de transferência do Museu da Música de Lisboa para este edifício, previsto no orçamento de Estado de 2011 (Freire, 2011), embora não se tenha concretizado. Foi objeto de investigação académica por parte de alguns Departamentos de Arquitetura, nomeadamente da Universidade de Évora (2014), da Oxford Brookes University (Oxford, Inglaterra, 2015) e da Universidade de Lisboa (2016), que o utilizaram como caso de estudo no sentido de identificar futuros usos e formas de intervenção para a sua salvaguarda. Dos mais recentes estudos destacamos a dissertação de mestrado em arquitetura (Santos, 2017), na qual foi feito um levantamento do estado de conservação do mosteiro, com o objetivo de corrigir e complementar levantamentos anteriores e compreender o estado do edifício em termos de conservação. Nesta investigação é ainda apresentada uma proposta de projeto

de arquitetura para o espaço do mosteiro, com vista à instalação do programa Sphera Cástris.

Desde 2015 que decorrem obras de requalificação no mosteiro, no âmbito do programa *Sphera Cástris - Southwest Park for Heritage and Arts*, um projeto da Direção Regional da Cultura do Alentejo (DRCA)<sup>3</sup>. Esta intervenção, que decorre de forma faseada, tem como principais objetivos dotar o edifício de condições para receber um centro dedicado à investigação artística e tecnológica, um lugar de inovação e sustentabilidade.

### **Mapear a memória**

Com o objetivo de compreender quais os valores associados ao mosteiro de São Bento de Cástris, pelos últimos utilizadores, foram realizadas, entre abril e junho de 2016, entrevistas a oito participantes que frequentaram o mosteiro no período entre 1957 a 2005. Para a realização desta investigação foi utilizado o método de análise qualitativo na elaboração das entrevistas. Na seleção dos participantes procurou-se abranger vários tipos de utilizadores (funcionários, professores) e alunos que, além da permanência no mosteiro de São Bento de Cástris, tivessem feito a transição do Colégio do Espírito Santo para o mosteiro, bem como alunos que estiveram no mosteiro em 2005 e foram posteriormente deslocados para as novas instalações da Casa Pia no Centro Histórico de Évora.

Estas entrevistas têm como objetivo compreender como era usado o espaço do Mosteiro de São Bento de Cástris pelas pessoas da instituição da Casa Pia. Qual era a perceção dos espaços mais importantes do mosteiro e como avaliavam a sua situação atual. *Mapear a memória* do lugar, ou seja, transpor para desenho de plantas as descrições verbais dos participantes ajudar-nos-á a compreender quais as características identitárias do lugar e qual a estima afetiva dos seus últimos utilizadores por aquele lugar.

Estabelecidos os conceitos a explorar (*quotidiano e memória do lugar*) e as dimensões (social, estatuto, experiência à data, espacial), criou-se um conjunto de questões de investigação orientadoras da entrevista e estabeleceu-se contacto com os possíveis entrevistados, através de contactos pessoais, do método bola de neve (*snowball*) (Guerra, 2006) e através de contactos nas páginas das redes sociais da Casa Pia.

Considerando a representação gráfica das memórias atuais como *o mapa da memória dos utentes*, foi efetuada uma análise comparativa das três diferentes funções que ocorreram no espaço conventual: enquanto mosteiro cisterciense (1275-1890), como

---

<sup>3</sup><http://www.cultura-alentejo.pt/multimedia/File/PDF/Destaques/patrimonio/Sphera%20Castris%20-%20SINOPSE.pdf> (consultado a 30/10/2019).

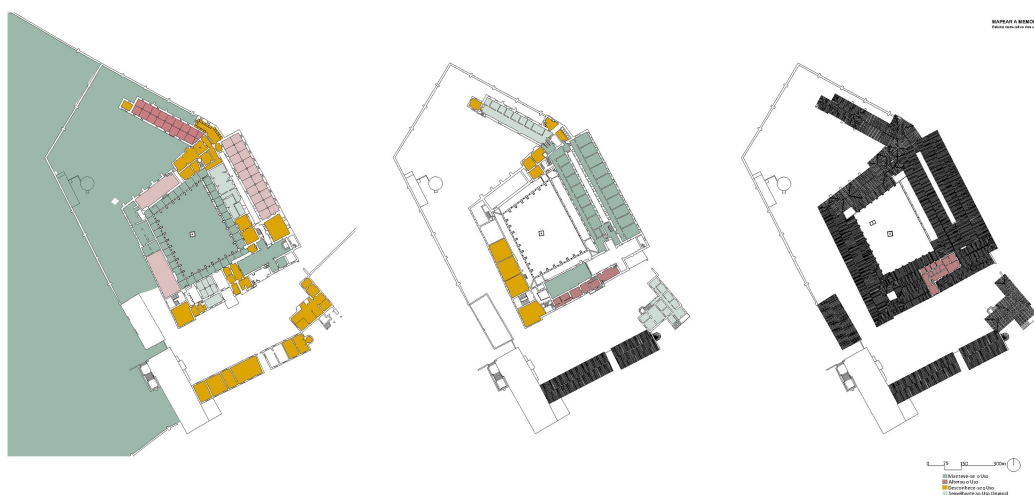
estação agrícola (1900-1930) e como instituição de acolhimento (1957-2005). Esta comparação permitiu identificar os espaços que mantiveram as suas funções e usos (a cinzento) e os espaços que as alteraram (a vermelho) (Figuras 8 e 9).

**Figura 8 - Comparação dos modos de habitar em três épocas distintas: mosteiro cisterciense, estação agrícola e instituição de acolhimento**

ÉPOCA	Mosteiro Cisterciense 1275 - 1890	Celeiro Agrícola 1900 - 1930	Instituição de Acolhimento 1957 - 2005
<b>USOS PRIMITIVOS</b>			
CLAUSTRO	Espaço ajardinado, centro da vida monástica, prolongamento da igreja	Espaço ajardinado, local de passagem	Pátio de dentro, ajardinado, local de passagem, espaço de recreio e de introspecção
IGREJA	Espaço mais importante da vida monástica	Desocupado	Ocupação esporádica para culto religioso, perdendo importância ao longo do tempo, deixando de ser utilizado
SALA DO CAPÍTULO PRIMITIVO	Espaço de reunião semanal das monjas	Uso desconhecido	Local de passagem
SALA NOVA DO CAPÍTULO	Espaço de reunião semanal das monjas	Celeiro	Sala de jogos   Salão de festas
REFEITÓRIO	Zona de comer e da leitura do dia (podia ser espaço de castigo e penitência)	Uso desconhecido	Utilização esporádica, acesso condicionado
ENFERMARIA	Enfermaria	Uso desconhecido	Rouparia
COZINHA	Cozinha	Uso desconhecido	Cozinha, copa
FÁBRICA / OFICINAS	Espaço de oficinas, aprendizagem	Uso desconhecido	Espaço de oficinas, aprendizagem, arrecadações
CALEFACTÓRIO	Calefactório	Uso desconhecido	Refeitório, espaço de convívio, festas
PÁTIO DE ENTRADA	Pátio dos religioso	Espaço de chegada	Pátio de entrada, espaço de recreio muito utilizado
HORTAS	Hortas	Desconhecido	Hortas
CERCA PEQUENA	Cerca das religiosas, espaço de recreio, acesso à cerca grande	Uso desconhecido	Pátio de lavagem, zona de recreio
CERCA GRANDE	Cerca grande, acesso condicionado, espaço de recreio	Uso desconhecido	Acesso condicionado, espaço de recreio
DORMITÓRIOS	Dormitórios (inicialmente celas individuais e mais tarde grandes espaços abertos)	Uso desconhecido	Camaratas verde e castanho (quartos de 6 a 8 crianças, com quarto para o vigiante e enfermaria)
ENFERMARIA	Enfermaria	Uso desconhecido	Camarata branca, enfermaria, espaço de convívio, de lazer e aprendizagem
BIBLIOTECA	Biblioteca	Uso desconhecido	Biblioteca (acesso condicionado)
CASAS A SUL POR CIMA DA IGREJA	Espaço de lazer	Uso desconhecido	Gabinetes de assistência e salas de informática
CASA DOS PADRES	Casa dos religiosos	Uso desconhecido	Casa Nova: Espaço administrativo, gabinetes da direcção
ALA POENTE (1º piso)	Uso desconhecido	Uso desconhecido	Salas de aula
CASAS ALTAS	Residências privadas	Uso desconhecido	Gabinetes de assistência, salas de arrumos, salas de reuniões
MIRANTE	Espaço de recreio	Uso desconhecido	Casa dos pássaros: acesso condicionado

Faustino, 2016

**Figura 9 - Modos de habitar: identificação dos locais do mosteiro e comparação dos usos (os que se mantiveram, alteraram ou são desconhecidos)**



Faustino, 2016

De acordo com os entrevistados, alguns destes espaços mantiveram funções e usos, mas perderam algumas das suas características originais. Por exemplo, a igreja, que foi o espaço primordial do mosteiro durante a época cisterciense, embora tenha mantido a sua espacialidade, perdeu gradualmente a utilização durante o período da Casa Pia.

O claustro, centro da vida monástica e então espaço ajardinado, manteve a espacialidade e o uso como local de passagem e espaço de introspeção. No entanto, durante a época da Casa Pia, foi utilizado como espaço de recreio, mantendo o seu carácter de introspeção, como refere um participante:

O claustro, e mais do que uma vez o usei, no fundo, para o que julgo que também eram os claustros. Para períodos de acalmia e reflexão e para sair silencioso. E eles também às vezes usavam assim ou em pequenos grupos. Acho que o claustro funcionava mesmo para isso e claro, também funcionava para correrem à volta, não é? Mas no meu caso, sim. Algumas vezes para, não vou dizer meditação, mas pelo menos para reflexão e pensar. Tentar às vezes arranjar soluções para alguns problemas que eu tinha, que eventualmente surgissem. O claustro eventualmente era isso. E claro, e também como local de passagem para ir de um espaço para outro, era inevitável. (participante 6).

O primitivo refeitório foi o espaço cujo uso se perdeu por completo, face às exigências logísticas da instituição, por necessitarem de um espaço maior devido ao número de alunos. Assim, o refeitório foi desenhado como um novo espaço na ala poente do edifício (Figura 7). A sala nova do capítulo perdeu as suas funções e o carácter de silêncio, adquirindo utilização como sala de ténis de mesa e servindo ocasionalmente para eventos externos à instituição e relacionados com a cidade, como casamentos. Os dormitórios mantiveram a sua função, passando a designar-se como «camaratas»:

Aquilo tinha três camaratas. Era a camarata verde, a camarata castanha e a camarata branca. (...) eu não me querendo enganar acho que esta [apontamentos sobre a planta fornecida durante a entrevista] era a camarata castanha, que é a que dá para o exterior e depois esta era a verde. (Participante 1).

As zonas associadas ao lazer no uso cisterciense perderam o seu propósito: por exemplo o mirante, designado no uso da Casa Pia como «casa dos pássaros», ficou destinado à administração e manteve o acesso aos sinos. De acordo com os testemunhos recolhidos, os espaços exteriores continuaram a fazer parte do quotidiano do lugar. Enquanto mosteiro cisterciense as cercas em torno do mosteiro eram espaços de lazer e cultivo, enquanto o pátio de entrada e as hortas se encontravam interditos às monjas (Conde, 1995; 2009). Durante a utilização por parte da instituição de acolhimento o pátio passou a ser um lugar de recreio e as hortas continuaram a ser cultivadas.

Os miúdos andavam por ali à vontade. Coisa que depois nós sentimos uma grande dificuldade quando nós saímos de São Bento de Cástris e viemos para baixo para o centro histórico. (...). Porque os miúdos precisavam de espaço e de poder agarrar numa bicicleta



e circulavam ali a zona toda. (...) estávamos ali restritos ao... e aí as coisas modificaram-se também. Porque os miúdos estavam habituados a estar em espaços amplos e ali sentiram-se assim...(fechados). Eles andavam por ali como os passarinhos livres. (participante 5).

Com a utilização por parte da Casa Pia alguns espaços ganharam um novo significado, uma nova identidade, verificando-se que as identidades correspondentes a épocas distintas coexistiam. Disto são exemplos: o claustro, local associado à introspeção na época cisterciense é um local de recreio com a instituição de acolhimento; as oficinas, que mantiveram a sua função, embora se produzissem produtos distintos por parte das monjas e das crianças da Casa Pia; e os dormitórios. Os usos dos espaços do mosteiro e a materialidade que os define e distingue, constituem memórias indissociáveis daquilo que é a identidade deste lugar. A espacialidade de alguns dos seus espaços, apesar do tempo e das alterações físicas a que foram sujeitos, permitem-nos criar uma imagem do lugar enquanto mosteiro, enquanto que os espaços cujos usos e espacialidade se alteraram nos transportam para um outro momento específico da sua história. A compreensão da relação entre espaço e relação mostra-se assim essencial no reconhecimento da tipologia original dos lugares.

O uso do mosteiro de São Bento de Cástris como Casa Pia, entre 1957 e 2005, permitiu que o conjunto edificado chegasse em razoável estado de conservação aos dias de hoje. A utilização continuada do espaço e as adaptações que foram realizadas garantiram a manutenção de alguns dos espaços originais da tipologia cisterciense, evitando que o edifício se degradasse totalmente. No entanto, muitos dos seus valores materiais ter-se-ão perdido no início do século XX, devido à utilização inadequada, quer mais tarde como instituição de acolhimento Casa Pia.

A contínua utilização dos seus espaços possibilitou a constituição de novas memórias coletivas do espaço. As alterações ao espaço físico do mosteiro, a mudança de usos e conseqüente transformação contribuíram para a identidade atual ao lugar do mosteiro de São Bento de Cástris. Preservar a memória coletiva e cultural dos lugares é, de acordo com o conhecimento atual, indispensável para que estes valores sejam transmitidos pelo que a sua ligação a valores materiais deverá ser considerada em qualquer intervenção física que se venha a propor.

No caso do Mosteiro de São Bento de Cástris, a sua identidade arquitetónica original reside nas suas características materiais e espaciais que subsistem do período cisterciense e das adaptações das décadas de 30 a 50 do séc. XX. As funções e os usos também definem o espaço, estabelecendo um processo recíproco e de constante evolução. O conjunto de características arquitetónicas originais e identitárias do mosteiro subsistem

em lugares como as suas cercas, no claustro, na igreja, na nova sala do capítulo e no refeitório original. A sua identidade atual está presente na sua materialidade e nos elementos construtivos que se mantêm desde a sua origem, na zona do claustro, na sala do capítulo, sobretudo na ala este, norte e sul do mosteiro. Também se conserva a sua identidade original no seu património integrado (como azulejos e frescos). Ao nível da forma, podemos distinguir espaços identitários que se mantêm como o claustro e também a igreja.

### **Conclusão**

A autenticidade do lugar de São Bento de Cástris manteve-se ao longo do tempo, ao contrário da integridade deste conjunto histórico. A integridade do conjunto foi alterada pelas adaptações aos novos usos e com recurso a técnicas e materiais de diferentes épocas, embora procurando respeitar a época atual e, sempre que possível, a construção original. A introdução de novos materiais no conjunto arquitetónico veio afetar a integridade do mosteiro, restando apenas alguns vestígios da época primitiva como mosteiro cisterciense. Sobre os usos do lugar, quando desadequados, podem ter efeitos negativos para o património. Quando o mosteiro foi utilizado como celeiro agrícola, o estado de conservação deteriorou-se. Apesar de ter sido reconstruído de acordo com os princípios defendidos então pela Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, a intervenção dos anos 30/50 do séc. XX revelou-se muito inadequada. As zonas intervencionadas neste período ainda hoje são claramente identificáveis, pois recorreram a linguagem arquitetónica distinta das construções de épocas anteriores.

A memória é uma realidade que constrói aquilo que valorizamos como património, relevante para a identidade de um lugar. No Mosteiro de São Bento de Cástris o uso por parte da Casa Pia garantiu que este lugar mantivesse as suas memórias até aos dias de hoje. Este facto deverá ser considerado em intervenções futuras, devolvendo o lugar à cidade e à memória dos eborenses, dando a conhecer o passado recente do Mosteiro de São Bento, para que sobre ele se construam novas memórias que respeitem as memórias passadas.

Não se pretende com esta investigação defender o retorno a algum dos usos anteriores ou apresentar uma proposta concreta para a salvaguarda ou adaptação do mosteiro. Procurou-se sim caracterizar a identidade do mosteiro cisterciense não como apenas entidade física, mas como um espaço com uma identidade social, e por isso, dinâmica. Será essa identidade que evolui e reflete determinado conjunto de valores que são atribuídos e atualizados em cada geração de utilizadores, em cada novo uso. A salvaguarda destas memórias, com base no registo do testemunho de quem viveu



o lugar, pode contribuir para que o património material tenha um sentido, uma história, um passado que seja perceptível. Poderá ainda contribuir para a manutenção da sua identidade em intervenções futuras.

### **Bibliografia**

- CABRAL, Clara Bertrand (2011) - Património Cultural Imaterial. Convenção da UNESCO e seus contextos. Lisboa: Edições 70.
- CAEIRO, Elsa (2008) - Os Conventos do Termos de Évora. Contributos para a História Urbana da Cidade de Évora. Sevilha: Universidade de Sevilha. Tese de Doutoramento.
- CHOAY, F. (2010) - Alegoria do Património. Lisboa: Edições 70.
- CoE - Convenção de Faro Lisboa: Direcção-Geral do Património Cultural, 2005, atual 2005. [Consult. 31 de outubro de 2019].
- CONDE, Antónia Fialho (1995) - Mosteiro de São Bento de Cástris (Évora): Bases para uma proposta de valorização histórico-arquitectónica. Évora: Universidade de Évora. Dissertação de Mestrado.
- CONDE, Antónia Fialho (2009) - Cister a Sul do Tejo: o mosteiro de S. Bento de Cástris e a Congregação Autónoma de Alcobaça (1567-1776). Lisboa: Colibri.
- FAUSTINO, Patrícia Salomé. (2016) - O Mosteiro de São Bento de Cástris: Memória e Identidade. Évora: Universidade de Évora. Dissertação de Mestrado. [Consult. 19 de outubro de 2019].
- FREIRE, Mariana Torres Vaz (2011) - Cultura, Património e Turismo: uma trilogia possível? Sons, silêncios e outros sentidos no Mosteiro de S. Bento de Cástris. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade de Lisboa. Dissertação de Mestrado. [Consult. 30 de outubro de 2019].
- GAMEIRO, Maria Isabel (2000) - Recolher, Educar e Instruir. A Casa Pia de Évora (1836-1910). Lisboa: Universidade Nova de Lisboa. Dissertação de Mestrado.
- GUERRA, Isabel Carvalho (2006) - Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo: sentidos e formas de uso. São João do Estoril: Principia.
- ICOMOS - Princípios de La Valeta para a salvaguarda e gestão das populações e áreas urbanas históricas. Lisboa: Direcção-Geral do Património Cultural, 2011, atual 2011. [Consult. 31 de outubro de 2019].
- LOPES, Flávio, & Correia, Miguel (2014) - Património Cultural. Critérios e normas internacionais de protecção. Casal de Cambra: Caleidoscópio.
- MARTINS, Ana Maria. (2011) - As Arquitecturas de Cister em Portugal. A actualidade das suas reabilitações e a sua inserção no território. Sevilha: Universidade de Sevilha. Tese de Doutoramento. [Consult. 30 de outubro de 2019].

SANTOS, Alexandra Cravo da Silva (2017) - Reabilitação do Convento de São Bento de Cástris. Programas públicos para o património arquitectónico. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Arquitectura. Dissertação de Mestrado. [Consult. 30 de outubro 2019]

TOMÉ, Miguel Jorge. (2003) – «As intervenções dos "Monumentos Nacionais" nos Extintos Mosteiros de Arouca, Lorvão e S. Bento de Cástris». In Ciências e técnicas do património. Revista da Faculdade de Letras, I Série vol. 2 (p. 703-734). Porto.

### **Documentos de arquivo**

Arquivo da Direção-Geral do Património e da Cultura, SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitectónico:

SIPA. Doc – 005/092-4976/04

SIPA. PT-DGEMN:DSARH-005/092-4977/08 – Extinto convento de S. Bento de Cástris